



FACULDADE DAS ÁGUAS EMENDADAS

LICENCIATURA PLENA EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS
LITERATURAS

**ANÁLISE DOS ASPÉCTOS QUE PROVOCAM A SURDEZ E A IMPORTÂNCIA
DA COMUNICAÇÃO ENTRE OS SURDOS**

DALVA ALVES RIBEIRO

Planaltina-DF
2010

DALVA ALVES RIBEIRO

**ANÁLISE DOS ASPÉCTOS QUE PROVOCAM A SURDEZ E A IMPORTÂNCIA
DA COMUNICAÇÃO ENTRE OS SURDOS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Faculdade das
Águas Emendadas como requisito
parcial para obtenção do grau de
Licenciatura Plena do curso de
Letras, sob orientação da Profª
Especialista Marilza da Silva
Mariano.

Planaltina-DF
2010

RESUMO

A proposta do presente artigo é analisar alguns aspectos referentes às causas que provocam a perda da audição e a importância da comunicação entre os surdos. Que se deve ensinar uma segunda língua aos surdos, pois a sua língua materna é Libras. Que os mesmos devem ser inseridos no ensino regular. Enfatizar a importância da Inclusão do surdo no meio social. Propor-se que finalmente há uma possibilidade de um surdo voltar a ouvir por meio de um transplante. Demonstrar como são as correntes filosóficas e suas respectivas importâncias.

Palavras-chave: Linguagem; inclusão; comunicação; surdo.

INTRODUÇÃO

A deficiência auditiva pode começar ainda na gestação, e fica invisível aos olhos dos médicos e dos pais.

Ainda criança é de grande importância que os familiares do deficiente auditivo observem a maneira como agem e expressam sua forma de comunicação. Pois assim, poderá ser diagnosticado rápido e as formas de tratamento podem ser aplicadas de maneira rápida e fazendo com que a criança com deficiência possa ingressar mais rápida na sociedade se adequando as formas de comunicação da língua brasileira de sinais.

Para entender melhor sobre a vida dos surdos, devemos entrar no seu mundo e compreender suas vidas. Esse trabalho relata as várias maneiras de vida em que o surdo procura viver.

É notório que o preconceito ainda exista que a sociedade estabelece formas de vida para o ser humano. É comum aceitar essas condições sem que ninguém faça nada, mas não é isso que se deve esperar. Deve-se buscar uma sociedade mais justa e se preconceito.

Mas, comparando esse assunto com os dias de hoje e de como era algum tempo atrás, pode-se perceber que muita coisa mudou. Serão citadas algumas mudanças que fazem das vidas dos deficientes auditivos melhor.

Existem meios para facilitar a vida dos deficientes auditivos, há cirurgias adequadas para melhorar na audição, como também em escolas professores já estão aptos a receberem essas pessoas e prepará-los para uma vida acadêmica normal.

Portanto há outros meios de comunicação para possibilitar a interação entre eles, são interpretes que os ajudam no desenvolvimento da comunicação.

O que se torna importante é a socialização entre todos, indiferentes se tem uma deficiência ou não. Todos devem conhecer e aprender a conviver igualmente.

A audição está tão presente na vida das pessoas que nem percebem a sua importância, é um dos principais sentidos e o seu grande papel é a comunicação humana. É por meio da mesma que as pessoas ouvem e entendem um aos outros, é com a audição que se consegue conhecer o mundo.

É com a audição que conseguimos perceber o que acontece em nossa volta, associamos os acontecimentos e memorizarmos as situações. É através da audição que as pessoas conseguem perceber o que acontece em sua volta, associar acontecimentos e memorizar situações.

Quando a criança ouve seus pais e as demais pessoas começa a aprender a língua materna, sendo a fala é uma das formas com a qual consegue expressar sentimentos opiniões. A audição é a forma de compreender os

pensamentos e as vontades das outras pessoas, com isso pode dialogar e trocar informações e experiências.

Caso tenha a ausência desse sentido poderão ocorrer alterações na aprendizagem e no desenvolvimento da fala, há também dificuldades na percepção do mundo e essas barreiras levará a pessoa a ter uma relação anti-social. As pessoas que possuem alterações no sistema auditivo precisam de ensinamento diferenciado.

A ausência da audição dificulta a vida do indivíduo, mas isso não impede o seu desenvolvimento. Existem alguns parceiros de suma importância na detecção da deficiência auditiva, são eles a escola e os pais. Estas pessoas devem estar atentas às dificuldades na fala e no desenvolvimento dos que se encontram próximos. Hoje existem grandes parceiros que facilitam a recuperação da audição por meio de implantes de próteses auditivas, são eles: AASI (Aparelho de Amplificação Sonora Individual) e o Implante Coclear.

O implante Coclear é composto por uma endo-prótese que é colocada através de uma cirurgia e consiste de um dispositivo que estimula eletricamente as células do nervo auditivo. Desta maneira não é necessário que exista resíduo auditivo, já que a estrutura estimula é o próprio nervo da audição.

A deficiência auditiva não é uma doença de notificação compulsória, portanto a estimativa de sua incidência é difícil no Brasil. Acredita-se que existam 120 milhões de deficientes auditivos, ou seja, 2,2% da população mundial (World Health Assembly, 1995). No Brasil, estima-se que existem 31.000 pacientes com surdez profunda que necessitam de implante coclear, sendo 13.950 indivíduos de 0-18 (Berruencos, 2000).

Em 1977 foi implantado o primeiro paciente brasileiro pelo professor Pedro Luiz Mangabeira Albernaz utilizando o implante monocal desenhado

pelo Ear Research Institute de Los Angeles. Desde a década de 70 até os dias atuais, estima-se que sessenta a sessenta e cinco mil pacientes já foram implantados sendo vinte e quatro mil nos EUA.

Para entender as diversas causas que levam a deficiência auditiva.

O impacto da perda de audição pode ocorrer em fases diferenciadas da vida. Mesmo leve, interfere na vida do indivíduo, afeta o desenvolvimento da comunicação e o acesso as informações que o cerca.

Os bebês que nascem com a deficiência auditiva, não têm o comportamento que os diferem dos bebês ouvintes, mas com o passar dos dias eles não respondem a alguns sons, como isso pode perceber de que alguma coisa não está bem.

Para as pessoas que perde a audição na adolescência, há uma dificuldade maior de aceitação, podendo com isso vem vir à depressão dificultando mais ainda a socialização do deficiente surdo (DA).

No dia a dia não se percebe a importância da audição, quando mães cantam embalando seus filhos para dormir.

Desde o sexto mês de vida intra uterina do bebê até o nascimento, tudo ocorre fora do alcance de mãos e olhares dos pais, entretanto, percebe-se pela audição, que o bebê se agita ao ouvir sons fortes e acalma-se ao ouvir barulho da água, atribuindo significado aos sons que o cerca, música, barulho. Mesmo dormindo conseguem detectar as alterações sonoras e avisam o que acontece ao redor através do choro.

Ainda que seja leve a deficiência auditiva há uma interferência na relação interpessoal afetando o desenvolvimento ou a manutenção da comunicação e o

acesso ao grande volume de informações que acercam cada indivíduo em seu dia a dia.

A deficiência auditiva considerada leve é a perda auditiva de até quarenta decibéis. Essa perda impede a percepção de todos os fonemas das palavras. A voz fraca ou distante não é ouvida. Essa perda auditiva não impede a aquisição normal da linguagem, mas poderá ser a causa de alguns problemas articulatórios na leitura e na escrita.

Surdez moderada é a perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis. Limites no nível da percepção das palavras são freqüentes, o atraso de linguagem e as alterações articulatórias. Há maior dificuldade de discriminação auditiva em ambiente ruidoso. A compreensão verbal está intimamente ligada a sua aptidão para a percepção visual.

Surdez severa é a perda auditiva entre setenta e noventa decibéis consegue perceber a voz forte e alguns ruídos familiares. A criança pode adquirir linguagem, caso receba ajuda da família que é de suma importância. Para que a criança consiga essa aquisição dependerá de estímulos e de aptidão para utilizar a percepção visual.

Surdez profunda é a perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade desta perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana impedindo o de adquirir linguagem oral.

Segundo pesquisadores, recente os problemas com audição crescem a cada dia no Brasil e no mundo. Dados do British MRC Institute of Hearing Research, do Reino Unido, mostram que, hoje, mais de quinhentos e sessenta milhões de pessoa sofrem de problemas auditivos, esse números deve chegar a setecentos milhões em 2015, e novecentos milhões em 2025.

No Brasil, atualmente de 09 milhões de pessoas apresentam algum grau de deficiência auditiva, cerca de 3.1 milhões de brasileiros nascidos a cada ano, menos de 10% passam por avaliação da audição nem sempre consegue definir a causa da deficiência auditiva.

As causas pré-natais que podem ser desde doenças infectocontagiosas que afetam a mãe durante a gestação como a toxoplasmose, sífilis, rubéola, herpes, que pode atingir o feto no início do seu desenvolvimento e causar deficiência auditiva.

As drogas ilícitas ou uso de álcool pela mãe, desnutrição, carência alimentar materna, hipertensão, diabetes durante a gestação, a exposição a radiação e o nascimento prematuro. E tem a causa das perdas da audição por trauma que ocorrem durante o parto causando paralisia cerebral e deficiência auditiva.

As causas pós-natais que são infecções após o parto, Como meningite, encefalite, sarampo, caxumba, sífilis adquirida, exposição excessiva a ruídos, sons muito altos e o traumatismo craniano.

Quando a família recebe a notícia confirmando o diagnóstico, vem como um pesadelo é como se nada pudesse ser feito, acredita-se que a criança não poderá desenvolver mais nada, o que não é verdade.

O problema maior é a rejeição dos pais, a criança surda ocupa o lugar da criança “perfeita” que sonharam em toda a gravidez. Após passar o período de rejeição os pais começam aprender a conviver com a diferença auditiva e a luta para que ela interfira o mínimo possível em seu desenvolvimento.

De acordo com Deldamee e Varmeulen (1997) que o estudo afirma que o desenvolvimento da criança tem influência do meio social, cultural e familiar e que aquisição da linguagem, função simbólica é um meio de comunicação social, com

isso há uma progressão a inteligência da criança, tornando-se capaz de compreender os sinais, situações, imagens, prolongar o passado no presente e antecipar o futuro imediato.

Características da criança surda

As características das crianças surdas variam de acordo com o grau da perda auditiva e como os pais interagem com ela.

No início do desenvolvimento pode não ocorrer longos períodos de brincadeiras sonoras, por não ouvir os sons ao seu redor diferente das crianças ouvintes que percebem os sons e conseguem adquirir maturidade e modular a sua vocalização.

A criança com deficiência auditiva apresenta redução da vocalização, com isso utiliza mais a visão para estabelecer contato, e também à expressão facial para identificar os sentimentos e emoções dos outros.

No escuro o isolamento da criança com deficiência auditiva é total. Para expressar algo batem os pés e cabeça para sentir a vibração, gritam para expressar o prazer, aborrecimento e só com o tempo entendem e aprendem interpretar as expressões faciais.

A educação infantil é de grande importância para a criança com deficiência auditiva e com a falta de estimulação nos primeiros anos de vida terá o seu ritmo no processo evolutivo prejudicado, ficando assim distante do padrão de desenvolvimento psicomotor, socioafetivo, cognitivo da linguagem e quanto maior for o tempo sem o estudo pior ficará e a criança, terá uma tendência maior ao desenvolvimento de deficiências e problemas de intensificá-las.

Na sala de aula, para que a criança com deficiência auditiva tenha sucesso na vida acadêmica deveriam acontecer mudanças na estrutura e pedagógica, treinamentos e cursos específicos para professores atuarem com essas crianças.

Não são todos os professores que tem acesso aos cursos e treinamentos, os que têm não conseguem passar todos os seus conhecimentos devido o número excessivo de crianças em sala de aula.

A história da Educação do surdo

Para Sausurre há uma separação entre a língua, a fala e o aspecto individual da linguagem com características individuais. Foi a partir dele que a linguística passou a ser reconhecida com ciência. Afirma que a língua é um aspecto social da linguagem e separa língua, a fala, o social e o individual.

Já para Vygotsky o termo linguagem serve tanto para linguagem quanto para língua.

Os surdos, historicamente foram tratados de forma diferenciada até mesmo como pessoas castigadas pelos deuses, e desta forma eram desprezados em abandono total, não recebiam educação e isso persistiu até o século XV. Os deficientes eram alijados socialmente por possuírem características diferentes daquelas que eram consideradas “normais” impostas pela sociedade.

Consta-se que nesta época as crianças que nasciam com necessidades especiais eram exterminadas. Quando conseguiam sobreviver não havia preocupação em educar essas crianças, pois era inaceitável qualquer tipo de deficiência.

Em 335 d.c surgem filósofos como Aristóteles, que acreditava que o desenvolvimento de uma pessoa era por meio da linguagem, e da fala, e com isso passa a acreditar que o surdo não pode ser considerado humano (Goldfeld, 1997, p.24).

A partir do século XVI surge o primeiro educador para surdos, Cardomo é o primeiro a acreditar que o surdo pode ser educado, com isso passaram a participar e a viver uma vida quase normal, pois viviam longe da sociedade para não envergonhar suas famílias. Vida normal é direito de todos os seres humanos é partir dessa época passa a ser interesse pela parte médica e religiosa, surgindo pesquisadores que defendiam a linguagem de sinais, outras já baseavam-se na linguagem, outros criando código visuais, iniciando uma vida mais digna ao surdo.

Em 1644, J.Bulwer publica o primeiro livro em inglês sobre a língua de sinais, a gramática sinalizada francesa com isso a sua casa passa a ser escola, ele acreditava que todos os surdos deveriam ter direito a educação pública e gratuita.

Em 1750 começa-se a acreditar que o surdo pode falar, dando início a nova vida aos surdos. Inicia-se a contratação de pessoas para ensinar os surdos ler, escrever e a falar.

Alcançaram-se muitas mudanças, muitos conceitos, surgiram estudos sobre o desenvolvimento do surdo.

Com a declaração de Salamanca na década de 90, começaram as mudanças na inclusão dos surdos. A declaração de Salamanca afirma que o surdo deve ser inserido de fato, para que possa ter sua cidadania respeitada (Declaração de Salamanca, 1990 p. 02). Com isso deve-se acreditar que é de suma importância a existência de política efetiva para que garanta aos surdos os seus respectivos direitos como cidadão.

A educação inclusiva é um processo em que se amplia a participação de todos os estudantes no estabelecimento de ensino regular. Trata-se de uma reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas nas escolas de modo que estas respondam a diversidades de alunos. É uma abordagem humanista, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção de todos.

Ao longo do tempo evidenciam-se teorias e práticas sociais separadas, inclusive como acesso ao conhecimento, para as pessoas portadoras de necessidades especiais, que foram deixando fragmentos até hoje. Segundo Gil:

Desde que o mundo é mundo sempre houve pessoas com deficiências. Mas nem sempre essas pessoas foram consideradas de mesma maneira (...). Receios, superstições, frustrações, exclusões, separações estão lamentavelmente presente desde os tempos da antiga Grécia.

(GIL, 2002, p. 10)

Antigamente, a sociedade colocava empecilhos à integração de pessoas com necessidades especiais.

Conforme Gil (2002, p. 10). “Na idade média, eram freqüente o apedrejamento ou morte das pessoas deficientes”, essas pessoas eram vistas como possuidoras de demônios.

No Renascimento (século XIV) vem o início de uma possível mudança na vida das pessoas com deficiência, dá-se o primeiro passo para o caminho da ciência e com isso afasta a visão mística, inicia-se a uma nova perspectiva humanista. Alguns educadores como Pestalozzi (ano) e Froebel (ano) destacam-se na educação, mostrando respeito à individualidade de cada criança com isso inicia-se o interesse pedagógico pelas diferenças de cada um.

No final do século XVIII e início XIX, a uma atenção mais específica as pessoas com deficiência, que vem de uma forma institucionalizada e isso para alguns educadores esse período destaca o início de educação especial. Dá-se o direito a todos e especialmente aos que possuem deficiência como consta em vários documentos como, por exemplo, na Declaração Universal dos Direitos dos Homens (1948 art. 7º) “Todos são iguais perante a lei sem distinção, tem direito à igual proteção da lei.”

“Todos têm direito à proteção igual contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação...”

Nesse período o deficiente tinha que ser excluído da sociedade, essa situação permanece até o início do século XX.

No conceito inclusão a escola regular deve aceitar crianças ou adolescentes com deficiência. Na Lei de Diretrizes e Base LDB (Lei nº 4.024/61) já citava o compromisso do poder público com a Educação Especial, no momento e que houve o aumento de escolas públicas em todo o país. A constituição Brasileira de 1988 aprova o artigo 208 inciso III, que estabelece:

“O dever do Estado com a Educação será efetivada mediante garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Em 1994 como o Encontro de Salamanca, que foi criado o documento Declaração de Salamanca, que determina a inclusão de todas as crianças inclusive as com deficiência e com dificuldade de aprendizagem no ensino regular, considerando seu contexto sócio-educativo. Como consta na Declaração de Salamanca (1994 p 17 e 18), “A meta é incluir todas as crianças, inclusive as que têm deficiência graves ou dificuldades de aprendizagem no ensino regular”.

Assim fica claro que a Declaração de Salamanca apresenta como perspectiva política à inclusão da toda e qualquer criança no ensino regular, independente de suas condições físicas ou de sua condição social ou cultural.

Na esfera política e da descentralização do poder, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, recomendam a colaboração entre a União, Estados e Municípios para que seja efetivamente exercitado no país, o debate de idéias e o processo de decisões acerca de como se estruturar os sistemas educacionais e quais procedimentos de controle social serão desenvolvidos.

(DNEEEB/ 2001 p. 30)

O processo de inclusão é muito complexo que abrange diferentes dimensões, sejam políticas, econômicas, socioculturais ou ideológicas. Abrange as relações no que diz respeito a sentimentos necessidades e ações práticas.

As escolas inclusivas propõem um modo de se construir o sistema educacional que considera as necessidades. A inclusão causa uma mudança de perspectiva educacional, pois apresentam dificuldades na escola, mas apóiam a todos: Professores, alunos, (...) para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.

(MANTOAN, 1997, p. 121).

Para Mantoan (1997, p. 121), “Inclusão se refere à vida social e educativa, onde todos os alunos devem ser incluídos nas escolas regulares e não somente colocadas na corrente principal”.

Afirma ainda que, “as escolas inclusivas propõem um modo de se constituir o sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos sendo estruturado em função dessas necessidades”.

“Com tantas opiniões diferenciadas dá-se caminhos diferentes para as metodologias específicas ao ensino do aluno surdo, com isso existem três correntes filosóficas: a do Bilinguismo, Comunicação Total e o Oralismo” (Doziart, 1997, p. 13). Há uma grande contribuição com estas correntes para facilitar os estudos sobre o avanço e o desenvolvimento da linguagem das crianças surda.

Com observações baseadas no desenvolvimento da linguagem da criança surda percebe-se que a linguagem ajuda na socialização dos surdos e ouvintes e que com adaptações no que diz respeito à ordem social e lingüística ajuda no aprendizado da Língua Materna (Libras – Língua Brasileira de Sinais) e a segunda língua (Língua Portuguesa):

Sempre há problemas na comunicação entre surdos e ouvintes, o primeiro encontro causa medo e confusão, o ouvinte grita ao tentar se comunicar com o surdo, os sinais que os ouvintes utilizam são estranhos. Com isso o surdo acaba ficando constrangido por não conseguir comunicar-se com os ouvintes. Para que haja uma comunicação com o surdo o ouvinte procura buscar outros meios como o oralismo, dando ênfase à língua oral, deixando de lado fatores como a surdez e a Língua de Sinais.

A aprendizagem da língua oral tem o objetivo de aproximar o surdo, ao máximo possível, do modelo ouvinte, a fim de integrá-lo socialmente do aprendizado global e da comunicação. A proposta oralista fundamenta-se na “recuperação” da pessoa surda denominada “deficiente auditivo”. (BERNARDINO, 2000, p.29).

A filosofia oralista visa à importância da criança surda como ouvinte e facilitar o seu desenvolvimento a língua oral.

Para os oralistas, a língua oral deve ser o único meio de comunicação dos surdos e que para eles se comunicarem bem é preciso oralizar.

Para eles não deveria minimizar o estilo auditivo, pois a mesma possibilita a aprendizagem da língua portuguesa e também a integração na comunidade dos ouvintes. Portanto eles achavam que estavam reabilitando a criança surda à “normalidade” a “não surdez”.

Em 1880- 1971 depois de 100 anos de oralismo o congresso mundial de surdos em Paris constatou que os mesmos eram subeducados, que a linguagem de sinais deixava muito a desejar e que os surdos nunca deixaram de falar em sinais.

A língua de sinais chamada de genuinamente de “Bilingüismo”, a mesma vem sem propagada e admirada a partir da década de 90.

O Bilinguismo tem como pressuposto Básico que o surdo deve ser bilíngüe, ou seja, de adquirir como língua materna, a língua de Sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu País [...] os autores ligados ao bilingüismo percebem o surdo de forma diferente dos autores Oralismo e da Comunicação Total. Para os Biliguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez. (GOLDFLD, 1997).

O bilinguismo concorda que a língua dá acesso aos surdos ao desenvolvimento, conhecimento, facilitando a comunicação com os seus pares e com outros sujeitos, oferecendo suporte ao pensamento e estimulando o desenvolvimento cognitivo e social.

A língua de sinais deve ser introduzida o mais cedo possível, senão seu desenvolvimento pode ser permanentemente retardado e prejudicado, com todos os problemas ligados à capacidade de “proporcionar” [...] no caso dos profundamente surdos, isso só pode ser feito por meio da língua de sinais. Portanto, a surdez deve ser diagnosticada o mais cedo possível. As crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na língua de sinais, sejam seus pais, professores ou outros. Assim que a comunicação por sinais for aprendida, e ela pode ser fluente aos três anos de idade, podendo então discorrer: livre intercurso de pensamento, livre fluxo de informações, aprendizado da leitura e escrita e, talvez, da fala. Não há indícios de que o uso de uma língua de sinais iniba a aquisição da fala. De fato, provavelmente, ocorre o inverso. (SACKS, 1998, p.44).

Com isso, percebe-se que o Bilingüismo, a língua de sinais são muito importantes, pois viabilizam o domínio lingüístico e a expressão.

A Comunicação Total tem a visão de se preocupar no processo de comunicação entre o surdo e o ouvinte e com a aprendizagem da língua oral da criança surda, acredita-se que alguns aspectos como: cognitivos, emocionais e sociais não devem ser deixados de lado dando ênfase somente a língua oral. Essa filosofia acredita que qualquer criança pode se desenvolver.

Ciccone (1990) afirma que essa filosofia tem uma forma diferenciada de vê e entender os surdos, ou seja, não os consideram como portadores de uma patologia de ordem “médica” vêem e entendem o surdo como pessoa, e a surdez como uma marca, que o efeito é inclusive na caracterização de um fenômeno com significação social e afetivo e cognitivo.

Considerações Finais

A deficiência auditiva está constantemente presente nas escolas brasileiras, porém, há muitos profissionais despreparados para acompanhar estes alunos de forma adequada. O despreparo dos pais e dos educadores é um dos pontos principais para que a criança se sinta isolada do mundo. É de suma importância que haja educação inclusiva deixando esses alunos aptos a participar do mundo e de seus acontecimentos.

É muito relevante que os pais façam acompanhamento médico durante a gestação, pois ainda nesse período é possível detectar algumas doenças que podem afetar a criança causando surdez. As consultas posteriores ao nascimento do bebê são extremamente importantes assim como os testes do pezinho e da orelhinha, embora nos hospitais públicos não se tenha acesso a tudo que é necessário para a prevenção de futuras doenças. E, por ser uma doença que não se tem uma percepção rápida pode agravar-se levando o indivíduo a uma surdez mais profunda. A surdez não acontece somente em crianças, todas as faixas etárias estão sujeitas a adquirir uma surdez, esse fator varia muito, pois pode ocorrer por vários meios tais como, acidentes, convivência em ambientes com ruídos constantes, mesmo uma surdez leve pode interferir na vida do indivíduo, afetando-o no desenvolvimento da comunicação e o acesso às informações que o cerca.

Atualmente ainda é possível perceber inúmeras formas de preconceitos contra deficientes e os deficientes auditivos não estão isentos desse ato tão destrutivo. Trabalha-se muito a questão do não preconceito, porém a sociedade em si, possui opiniões formadas tornando difícil a aceitação destas pessoas. No entanto, existem no Brasil, várias escolas comuns que buscam e trabalham a inclusão, tentando amenizar a situação fazendo com que a criança com deficiência se sinta parte integrante da sociedade, se sinta cidadão participante de seus direitos.

A vida do deficiente auditivo, atualmente se tornou melhor em relação há alguns anos, pois anteriormente, eles não eram considerados seres humanos chegando a viverem isolados do mundo sem nenhuma participação e até mesmo seus familiares não os reconheciam como integrantes da família. Agora a situação mudou bastante, eles já podem participar livremente da sociedade, e existem muitos meios para que isso aconteça de forma fácil. Os aparelhos auditivos, os implantes cocleares e a língua de sinais são alguns exemplos de mudanças positivas para que haja inclusão da pessoa com a audição afetada.

A audição é o sentido responsável por fazer o indivíduo se situar nos acontecimentos ao seu redor e a compreender a linguagem falada por seus responsáveis, ou seja, a linguagem é adquirida através do aparelho auditivo, sem o seu bom funcionamento a criança não terá uma linguagem bem desenvolvida ou será necessário ensiná-la a língua dos sinais como sua língua materna, no caso do Brasil é a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Para que isso aconteça de forma enriquecedora para o educando é necessário que este seja acompanhado por um bom profissional e que a família participe ativamente do seu aprendizado.

Referencial Bibliográfico

BERNARDINO, Elidéa Lúcia. **Absurdo ou lógica.** Os surdos e sua produção linguística. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.

Revista: Ciência e Vida Psique Ano 5 Nº 55. Editora Escala.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA_UNESCO1994.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DOS HOMENS (1948 art.7º).

DNEEEB- Diretrizes Nacionais para Educação Básica, 2001.

DORZIAT, Ana Problematização o ensino de língua português na educação de surdos. **Revista Espaço.** Rio de Janeiro: INES, nº 18/ pag. 32-41, dez. 1997.

GIL, Marta. Espaço de Inclusão. Sociologia. Gerente de Rede Soci. 2002.

GOLDFELD, Márcia. **A Criança surda:** Linguagem e cognição numa perspectiva sócio_ interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

Lei de Diretrizes e Bases - LDB (Lei Nº 4.024/61).

MANTOAN, Maria Teresa Eglér, ET AL; A integração de pessoas com deficiência: Construção para reflexão sobre o tema/ Maria Teresa Eglér – São Paulo: Memnom. Editora SENAC São Paulo, 1997.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes. Uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro Imago,1998.

Disponível em: WWW.uflm.edu.br/upload/ensino/aviposgraduação090603142438.PDF. acessado em 04/11/2010 às 17h:45min.

Disponível em: WWW.Lidialindislay.blogspot.com/2010/03/resumo-de-livro-glodfeld-marcia.html.
acessado em 22/10/2010 às 15h:30min.

Disponível em: PT:Wikipédia.org/wiki/educação-inclusiva. Acessado em
30/10/2010 às 18h30min.

Disponível em: <http://andreiafonseca.com/audiologia/artigo-01.htm> acessado em
18/10/2010 às 14h:00.

Disponível em
http://books.google.com.br/books?id=bM_MhU5SUWsC&printsec=frontcover&hl=pt-br&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false /Livro=Criança
surda: **Linguagem e cognição numa perspectiva sócio-internacional**. Auditora
Márcia Goldifeld. 2ª edição Plexus.

